



SEMPRE GOSTEI DA GUERRA, MAS EM BATA-

lhas minha paixão cresce repentinamente.

O rugido do urso invadiu meus ouvidos. O bafo quente da fera impregnou minhas narinas, acendendo meu desejo por sangue. Atrás de mim, eu podia ouvir o arquejo exausto do garoto. O som do desespero fez minhas unhas se cravarem na terra. Voltei a rosnar para o predador, bem maior que eu, desafiando-o a cruzar meu caminho.

Que merda estou fazendo?

Arrisquei um olhar para o garoto e meu pulso se acelerou. Ele tinha a mão pressionada sobre um corte profundo na coxa. O sangue vertia entre seus dedos, escurecendo o jeans até o tornar preto. A camisa rasgada mal cobria as feridas ensanguentadas. Deixei escapar um grunhido.

Agachei-me junto ao chão, músculos tensionados, pronta para atacar. O urso-pardo se ergueu sobre as duas patas traseiras. Não me intimidei, mantive-me firme.

Calla!

O urro de Bryn ecoou. Um ágil lobo marrom surgiu da floresta, atacando o urso furiosamente. O urso se virou, aterrissando sobre as quatro patas. Uma golfada de saliva saltou da sua boca enquanto procurava o atacante invisível. Bryn, ligeira, esquivou-se dos golpes, escapando dos braços enormes e peludos da fera, sempre um segun-

do à frente. Aproveitou sua vantagem sobre o animal e lhe mordeu violentamente mais uma vez. O urso estava de costas para mim e saltei sobre ele, arrancando-lhe um pedaço do calcanhar. O animal se virou e me encarou, com os olhos alterados pela dor.

Bryn e eu nos movimentávamos furtivamente, cercado a enorme fera. Seu sangue aqueceu minha boca. Meu corpo era pura tensão. Continuamos numa dança circular interminável, os olhos do urso nos acompanhando. Farejei sua insegurança, o medo crescendo nele. Soltei um latido curto e ameaçador, mostrando os caninos. O urso bufou, recuando, e, com um movimento desajeitado, seguiu para a floresta.

Ergui o focinho e uivei, triunfante. Um gemido me trouxe de volta à realidade. O garoto nos encarava com olhos arregalados. A curiosidade me atraía a ele. Eu traía meus mestres, infringira todas as leis. Tudo por ele.

Por quê?

Baixei a cabeça e farejei o ar. Seu sangue escorria até o chão e o odor penetrante de ferrugem produziu uma névoa intoxicante na minha consciência. Lutei contra a tentação de prová-lo.

Calla? O alerta de Bryn desviou minha atenção.

Saia daqui. Mostrei os dentes para ela, que se abaixou e se aproximou de mim. Depois ergueu o focinho e lambeu a parte inferior da minha mandíbula.

O que vai fazer?, perguntaram seus olhos azuis.

Ela parecia aterrorizada. Por um instante, achei que ela suspeitou que eu mataria o garoto por diversão. Culpa e vergonha pulsaram nas minhas veias.

Bryn, você não pode ficar aqui. Vá embora. Agora.

Ela gemeu, queixando-se, mas se afastou lentamente, escondendo-se sob a copa dos pinheiros.

Andei em direção ao garoto. Minhas orelhas se moviam para a frente e para trás. Ele se esforçava para respirar, o rosto tomado pela dor e pelo pavor. Cortes profundos marcavam a coxa e o peito, onde o urso havia enfiado suas garras. O sangue ainda escorria e eu sabia

que ele não estancaria. Rosnei, frustrada pela fragilidade do corpo humano.

O garoto parecia ter a minha idade: 17, talvez 18 anos. O cabelo castanho com leves reflexos dourados caía desordenadamente sobre o rosto. O suor cobria alguns fios sobre a testa e as bochechas. Era alto e forte — parecia ter facilidade para andar pela montanha, e, claramente, era o que havia feito. Aquela área era acessível apenas por uma trilha íngreme e difícil.

Ele exalava medo, aguçando meus instintos de predador. No entanto, era possível sentir outros odores — da primavera, de folhas novas, de terra molhada pela neve derretida. Cheiro de esperança, de possibilidades. Sutil e tentador.

Dei outro passo adiante. Sabia o que eu queria, e bastaria um segundo para fazê-lo: a maior violação das Leis dos Defensores. Ele tentou recuar, mas gemeu de dor e desabou sobre os joelhos.

Meus olhos se concentraram naquele rosto. O queixo definido e as maçãs salientes estavam transfigurados pelo sofrimento. Mesmo com as caretas de dor, ele era lindo, com músculos tensionados que revelavam o físico forte, a luta do corpo contra o colapso iminente, conferindo uma aura sublime ao seu suplício. Fui consumida pelo desejo de ajudá-lo.

Não posso vê-lo morrer.

Transformei-me antes de perceber que tomara minha decisão. O rapaz arregalou os olhos quando o lobo branco que o observava se transformou de fera para uma garota de olhos dourados e cabelo louro-claro. Parei ao lado dele e me ajoelhei. Seu corpo estremeceu. Tentei tocá-lo, mas vacilei, surpresa ao ver que meu corpo também tremia. Eu nunca sentira tanto medo.

Um som áspero me despertou do devaneio.

— Quem é você? — O garoto me encarava. Seus olhos eram verde-escuros, como musgo no inverno, um tom delicado entre o cinza e o verde.

Fiquei atônita por um momento, perdida nas perguntas que suplantavam a dor e vagavam naquele olhar.

Levei meu antebraço à boca e revelei voluntariamente meus caninos. Cravei-os na minha pele e esperei pelo sabor do sangue. Em seguida, estendi o braço.

— Beba. É a única coisa que pode te salvar — minha voz era baixa, mas firme.

Ele tremia ainda mais agora. Fez que não com a cabeça.

— Precisa beber — disse num rosnado, revelando os caninos ainda afiados como lâminas depois de abrirem a ferida no meu braço. Desejei que minha performance como lobo o tivesse aterrorizado o bastante para deixá-lo submisso. Mas sua expressão não era de horror. Ele estava fascinado. Fraquejei, tentando não me mexer. Meu sangue escorria do braço, caindo em gotas vermelhas sobre o solo coberto de folhas.

Seus olhos se fecharam e ele se contorceu, tomado por uma nova onda de dor. Pressionei meu braço ensanguentado contra seus lábios entreabertos. A eletricidade do toque queimou minha pele e invadiu meu sangue. Engoli um gemido de fascínio e de medo, causado pela sensação estranha que me penetrava.

Ele recuou, mas o imobilizei, envolvendo-o pelas costas, até ter certeza de que o sangue caíra na sua boca. Segurá-lo, aproximá-lo de mim, deixou meu sangue ainda mais quente.

Senti que ele queria resistir, mas não lhe restavam forças. Um sorriso surgiu no canto da minha boca. Mesmo que meu corpo agisse de forma imprevisível, eu sabia que poderia controlar o dele. Estremeci quando suas mãos agarraram meu braço, pressionando minha pele. A respiração do aventureiro ficava mais tranquila. Lenta, regular.

Uma dor profunda fez meus dedos tremerem, quis percorrê-los sobre a pele dele. Deslizá-los por suas feridas, que em breve sarariam, para conhecer os contornos dos seus músculos.

Mordi o lábio, lutando contra a tentação. *O que é isso, Cal? Você é mais esperta que isso. Essa não é você.*

Afastei meu braço. Um gemido decepcionado escapou da garganta dele. Não consegui ignorar o sentimento de perda que nasceu em mim quando já não o tocava. *Encontre forças. Use o lobo. É quem você é.*

Com um rosnado ameaçador, sacudi a cabeça e arranquei um pedaço de pano da sua camisa rasgada, para cobrir minha ferida. Os olhos cor de musgo seguiram cada movimento meu.

Levantei-me e me surpreendi ao vê-lo fazer o mesmo, cambaleando. Franzi a testa e dei dois passos para trás. Ele observou enquanto eu recuava, e, então, olhou sua roupa esfarrapada. Com cuidado, rasgou um pedaço da camisa. Quando ele ergueu os olhos e me encarou, senti uma tontura inesperada. O menino entreabriu os lábios e eu não conseguia desviar meus olhos deles. Carnudos, curvando-se curiosos, sem o medo que eu esperava encontrar. Muitas perguntas brilhavam no seu olhar.

Preciso sair daqui.

— Você ficará bem. Saia da montanha e não se aproxime mais desse lugar — falei, dando as costas para ele.

Uma descarga elétrica atravessou meu corpo quando ele segurou meu ombro. Ele se mostrou surpreso, mas em nada amedrontado — o que não era bom. O calor onde seus dedos firmes me seguravam queimou minha pele. Fiquei tempo demais ali, observando-o, memorizando seus traços, e então rosnei e me desvencillei dele.

— Espere... — disse ele, dando mais um passo na minha direção.

E se eu pudesse esperar, se pudesse pausar minha vida apenas por esse instante? Se roubasse um pouco mais de tempo para experimentar o que há tanto tempo me fora proibido? Seria tão errado? Nunca mais veria esse estranho. Que mal faria permanecer ali por alguns segundos, imóvel, esperando para saber se ele tentaria me tocar como eu desejava ser tocada?

O cheiro que ele exalava indicava que minha suposição não estava tão longe da realidade: delatava desejo, e a pele arrepiada era pura adrenalina. Eu permitira que esse encontro durasse tempo demais e há muito ultrapassara a fronteira da segurança. Quase arrependida, fechei o punho. Meus olhos o fitaram, avaliando-o, lembrando a sensação dos seus lábios na minha pele. Ele sorriu, hesitante.

Basta.

Acertei-o no maxilar. Ele caiu no chão e não se moveu. Curvei-me, peguei-o nos braços e pendurei sua mochila no ombro. O aroma das folhas e dos galhos beijados pelo orvalho me inundou com uma estranha ânsia que tomou todo o meu corpo, numa lembrança física do perigoso contato, cheio de proibições. As sombras crepusculares tomavam longamente a montanha, mas eu conseguiria levá-lo até a base antes do anoitecer.

Uma caminhonete solitária e velha estava estacionada perto de um rio agitado, que marcava os limites do território sagrado. Placas pretas com letras laranja afixadas ao longo da margem alertavam: PROIBIDO ULTRAPASSAR. PROPRIEDADE PARTICULAR.

O Ford Ranger estava destrancado. Abri a porta e quase a arranquei do veículo enferrujado. Ajeitei o corpo do garoto sobre o banco do motorista. Sua cabeça pendeu para a frente e pude ver o contorno de uma tatuagem na nuca. Uma cruz escura e incomum.

Invasor e cafona. Felizmente encontrei algo nele do que não gostava.

Joguei sua mochila no banco do carona e fechei a porta com força, fazendo a estrutura de ferro do veículo ranger. Ainda trêmula pela frustração, voltei à forma de lobo e corri para a floresta. O cheiro dele estava entranhado em mim, prejudicando o raciocínio. Inspirei o ar e me agachei: um novo cheiro surgiu, aumentando meu sentimento de culpa pela traição cometida.

Sei que está aqui. Um rosnado acompanhou meus pensamentos.

Você está bem? A pergunta de Bryn, carregada de pena, aguçou o medo que fazia meus músculos tremerem. Em seguida, ela correu para o meu lado.

Eu disse para você ir embora. Mostrei os dentes, mas não pude evitar o alívio ao vê-la.

Eu nunca abandonaria você. Bryn me acompanhava com facilidade. *E você sabe que eu nunca a trairia.*

Ganhei velocidade, correndo entre as sombras espessas da floresta. Abandonei a tentativa de derrotar o medo, transformei-me, e caminhei aos tropeços até encontrar a solidez de um tronco de árvore.

O sulco da casca da árvore na minha pele não serviu para afugentar aquela sensação fervilhante na minha cabeça.

— Por que o salvou? — perguntou ela. — Humanos não significam nada para nós.

Continuei abraçada ao tronco da árvore, mas virei o rosto para a ver Bryn. Desfeita da sua forma de lobo, suas mãos finas de menina se apoiavam na cintura. Ela semicerrou os olhos à espera de uma resposta.

Pisquei lentamente, mas não consegui deter a sensação abrasadora das lágrimas, quentes e inconvenientes, que escorreram pelo meu rosto.

Os olhos de Bryn se arregalaram. Eu nunca chorava. Não quando havia testemunhas.

Desviei o rosto, mas senti que ela me observava em silêncio, sem julgamentos. Eu não tinha respostas para Bryn. Nem para mim.